PARA UMA MITOLOGIA FEMINISTA DO SÉCULO XX

ELLEN H. DOUGLASS

Em 1949, Simone de Beauvoir identificou "o mito da mulher" como o sustentáculo ideológico do patriarcado e o cânon literário como um dos transmissores deste mito.¹ Desde então, a crítica literária centrada na questão da "mulher" tem-se interessado pelo mítico. Em sua época, Beauvoir inaugurou o projeto de identificação e crítica do mito do chamado "segundo sexo" tal como se apresentava na literatura escrita por homens. Hoje em dia, a crítica feminista se dedica principalmente à representação e à problematização da mitologia patriarcal na literatura escrita por mulher.

Segundo a crítica e poeta norte-americana Rachel Blau DuPlessis, "para a escritora, confrontar o mito é colocar-se no ponto de impacto de um sistema forte de interpretação que se mascara como representação; a escritora que lida com o mito ensaia sua própria colonização ou 'iconização' por meio dos materiais que sua cultura considera poderosos e primários".² Portanto, a escritora que se serve dos paradigmas míticos do patriarcado na criação de sua obra tende a criticar e a transformar estes paradigmas no ato de transcrevê-los. O estudo deste processo configura um campo emergente nos Estados Unidos, que se dedica ao estudo da obra de escritoras como Doris Lessing, Adrienne Rich, Virginia Woolf, Margaret Atwood e outras. Por sua combinação dos conceitos da crítica mítica³ com os da crítica feminista, designaremos este novo campo como "crítica mito-feminista".

Para a crítica da literatura brasileira, a pertinência da crítica mito-feminista emana da preocupação com paradigmas míticos evidente na obra de escritoras brasileiras do século XX. Os contos e romances de Lispector se destacam por sua relação recorrente com o mito da busca; a mesma preocupação podemos encontrar também nas obras de Nélida Piñon, Márcia Denser, Lya Luft, Sônia Coutinho, Patrícia Bins, Tânia Faillace, Raquel Jardim, Raquel de Queiróz, Edla van Steen, e a lista não se acaba.

Além de identificar os paradigmas míticos que se encontram na literatura escrita por mulheres, a crítica mito-feminista procura delinear as implica-

ções do confronto entre o mito e a escritora. O que acontece quando a mitologia patriarcal é reescrita a partir da perspectiva da mulher? Acerca desta questão, a crítica mito-feminista apresenta duas respostas aparentemente contraditórias.

Por um lado, supõe-se que a manipulação da mitologia patriarcal pela escritora resulte na destruição do mítico e em sua substituição pelo "realístico". Ou, para citar uma poeta norte-americana, a missão do feminismo literário é "acabar com a mitologia".⁴ Está implícita aí uma visão da mitologia como um sistema narrativo cuja única função é a transmissão de ideologias opressoras.

Em contraste com esta posição antimitológica, porém, há uma outra vertente dentro da crítica mito-feminista que insiste na possibilidade de uma mitologia antipatriarcal, ou seja, feminista. Essa última surge com a teologia feminista, um novo campo acadêmico da teologia que se dedica à crítica da religião patriarcal e à criação das bases para uma espiritualidade feminista. Ao criticar as narrativas da religião patriarcal por representar a mulher como um sexo secundário e pecador, redimível só mediante a obediência e a maternidade, essa teologia feminista encontrou, na literatura escrita por mulheres, uma fonte de novos mitos capazes de orientar a mulher em sua própria subjetividade.⁵ Desde então, algumas feministas dentro da crítica literária têm-se interessado também pelo que denominam a "revisão" da mitologia patriarcal na literatura escrita por mulheres. De acordo com a premissa teológica de que o mito é um amparo fundamental à vida humana, estas críticas afirmam que a destruição da mitologia patriarcal não pode ser vista como um fim último, mas unicamente como um ponto de partida que abre lugar à criação de uma mitologia feminista.⁶

Qualquer crítica que se encarregue de examinar a transcrição de mitos patriarcais na literatura escrita por mulheres encarrega-se também de elaborar uma posição própria em torno deste debate teórico. Essa transcrição leva à destruição do mito, ou à sua transformação? Ou, para considerar uma possibilidade pouco elaborada pela crítica mito-feminista, pode uma escritora simplesmente duplicar o mito patriarcal tal como ele se apresenta? Se aceitássemos a definição do mítico dominante na crítica literária atual, ou seja, a idéia de que o mito é uma estrutura narrativa durável e até inalterável,⁷ teríamos que concluir que a escritora ou duplica ou destrói a mitologia patriarcal. Pois,

⁴RUKEYSER, Muriel. The poem as mask. In: *The collected poems of Muriel Rukeyser*. New York, McGraw-Hill, 1978. p.435.

⁵CHRIST, Carol. *Diving deep and surfacing. Women writers on spiritual quest*. Boston, Beacon Press, 1980.

⁶Destacam-se os estudos de OSTRICKER, Alicia. The thieves of language: women poets and revisionist mythmaking. *Signs*, 8(1), 1982; PRATT, Annis. *Archetypal patterns in women's fiction*. Bloomington, Indiana University Press, 1981. Pode-se incluir também DUPLESSIS. Op. cit. cap.7, p.105-22. Note-se, porém, que, no capítulo seguinte, DuPlessis defende a posição contrária de que o feminismo implica a destruição do mítico (p.123-41).

⁷Refiro-me em particular à definição de mito como narrativa "arquetípica" avançada por Frye (op. cit., p.341 e 366-367, e também *The stubborn structure*, Ithaca, Cornell University Press, 1970, [p.63-64]. A obra de Frye lembra o pensamento junguiano, segundo o qual o "mito" reflete arquétipos estruturalmente invariáveis do inconsciente

Ellen H. Douglass é professora na Brown University, EUA.

¹BEAUVOIR, Simone de. Fatos e mitos. In: *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970. p.7-23 e 179-309.

²DUPLESSIS, Rachel Blau. *Writing beyond the ending. Narrative strategies of twentieth-century women writers*. Bloomington, Indiana University Press, 1985. p.106. (Trad. minha.)

³"A crítica mítica é aquela que se preocupa com a identificação e análise dos elementos míticos que se apresentam na literatura". Exemplos seriam FRYE, Northrop. *Anatomy of criticism*. Princeton, Princeton University Press, 1957; PATAL, Daphne. *Mith and ideology in contemporary brazilian fiction*. Cranbury/New Jersey, Associated University, 1983.

se a escritora se atreve a criticar o mito no ato de transcrevê-lo, o paradigma perde a inalterabilidade que lhe conferia sua qualidade "mítica".

Ainda convencida da possibilidade de uma mitologia feminista, a crítica Annis Pratt tentou afirmar que a revisão da mitologia patriarcal na literatura da mulher se restringia à reelaboração de seu conteúdo. Segundo esta idéia, a estrutura do mito permanece inalterada, embora seus temas mudem.⁸ Sendo assim, a escritora pode rever o mito sem deslocá-lo do mítico. Mas esta formulação, como veremos adiante, só se aplica às escritoras que reproduzem a mitologia patriarcal sem questionar a ideologia nela inscrita. Segundo DuPlessis, a escritora que consegue romper com a construção da mulher como o segundo sexo, como um sexo sem subjetividade própria, acaba rompendo tanto os limites estruturais quanto os limites temáticos da narrativa patriarcal. Por isso, para DuPlessis, a apropriação antipatriarcal ou feminista da mitologia é um processo que leva à destruição e ao abandono do mítico.⁹

É indispensável observar, porém, que esta opinião contrária à possibilidade de uma mitologia feminista depende de uma definição do mítico formulada a partir de uma mitologia ainda patriarcal. Para que serve a idéia de que o mito é imutável? Para que e para quem?

A crítica feminista pode resgatar o mítico para a mulher e para o feminismo em geral, mas só a partir de uma redefinição do mítico. Através de uma discussão focalizada no paradigma mítico da busca,¹⁰ pretendo ilustrar a relação diversificada entre o mito patriarcal e a escritora, e sugerir também uma definição do "mítico" adequada à presença de mitos antipatriarcais na nova literatura escrita por mulheres. Enquanto a escritora feminista acaba com a mitologia, ela também a lança de novo na base de uma nova definição.

A tradição literária da busca é facilmente identificável como uma tradição patriarcal. Referindo-se ao estudo feito pelo mitólogo Joseph Campbell em torno da busca, *The hero with 1000 faces*,¹¹ a teóloga feminista Carol Christ ressalta: "Se o herói tem mil rostos, a heroína mal tem doze".¹² Ade-

humano (Jung, C. G. e C. Kerényi. *Essays on a science of mythology*. Tradução de R.F.C. Hull, Princeton, Princeton University Press, 1969).

⁸Essa formulação é mais implícita do que explícita na pesquisa de Pratt (op. cit.). Embora Pratt não chegue a elaborar uma opinião acerca do debate teórico sobre a possibilidade ou impossibilidade de uma mitologia feminista, seu estudo em torno dos "padrões arquetípicos" na ficção de mulheres sugere a idéia de que a estrutura do mito é nada mais do que um recipiente indiferente, e que a escritora simplesmente o enche de uma nova temática "feminista".

⁹Segundo DuPlessis (op. cit. p.123-41), a transcrição feminista da mitologia leva à substituição do arquétipo imutável pelo protótipo transformável e, portanto, ao abandono do mítico.

¹⁰Assim como as narrativas consideradas "míticas" têm gozado de uma posição privilegiada dentro do cânon patriarcal, o mito da busca tem sido o mais privilegiado dos mitos. Segundo Frye, o mito da busca é o mito central e unificador, o que contém em si os quatro "mythoi", ou seja, o romance, a tragédia e a ironia (*The anatomy of criticism*, p.192). Como sugere sua preocupação com a representação da "busca da mulher", a crítica mito-feminista também confere uma importância particular a este paradigma. Portanto, é no espaço narrativo do mito da busca que se concentra o choque entre o feminismo literário e a mitologia patriarcal.

¹¹CAMPBELL, Joseph. *The hero with 1000 faces*. Princeton, Princeton University Press, 1968.

¹²CHRIST. Op. cit. p.9. (Trad. minha.)

mais, esta predominância de protagonistas masculinos reflete um desequilíbrio não só temático como também estrutural. Identificando os componentes arquetípicos, ou seja, estruturais deste paradigma, Campbell escreve: "A Mulher, na linguagem imagística da mitologia, representa a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que consegue conhecer".¹³ Agora, se cabe à mulher representar "a totalidade do que pode ser conhecido", como poderia ela erguer-se para fazer sua própria busca? Tendo definido a mulher como "o outro" do herói, como o objeto por ele buscado, o mito da busca tem-se estruturado nas construções do "masculino como sujeito transcendente" e do "feminino como seu outro imanente" que Beauvoir identificou como as pedras fundamentais da ideologia patriarcal.¹⁴

Como, então, poderá uma escritora apropriar-se deste paradigma patriarcal para escrever uma busca da mulher? Quais são as conciliações, as transgressões, as transformações, as rupturas implicadas na busca da mulher? Podemos encarar esta nova busca como uma narrativa mítica?

Ainda que as respostas a estas perguntas sejam tão múltiplas quanto as buscas que têm proliferado na literatura do século XX, é possível identificar três tipos gerais na busca da mulher, com características próprias em sua relação com o paradigma da busca do herói masculino. Estes três tipos são: a busca feminina, a busca da heroína masculina e a busca feminista. Preservando a estrutura ideológica da busca patriarcal através de estratégias que consideraremos adiante, os dois primeiros tipos — a busca feminina e a busca da heroína masculina — lembram a idéia de Pratt de que a escritora muda só o conteúdo da mitologia. Mas já o terceiro tipo, a busca feminista, rompe a estrutura da busca do herói masculino ao definir-se como sua antítese.

Aqui, é interessante realçar que "busca feminista" não se refere a qualquer busca em que a figura do herói seja simplesmente substituída pela da heroína. Segundo a idéia de Julia Kristeva de que o feminismo, em sua etapa mais recente, abandona a celebração exclusiva do feminino para dedicar-se, de maneira mais ampla, à desconstrução das identidades de gênero,¹⁵ uma busca se define como "feminista" por sua rejeição da dicotomia patriarcal entre o buscador masculino e o buscado feminino. Embora o tema do presente trabalho seja a busca da mulher tal como ela é escrita por mulheres, é preciso ressaltar que a busca feminista também pode surgir na literatura escrita por homens e inclusive em obras em que a busca é realizada por um protagonista homem. Ao mesmo tempo, a busca patriarcal, mediante várias contorsões ideológicas, manifesta-se às vezes nas buscas de mulheres escritas por mulheres.

A busca feminina, a primeira das buscas da mulher, tem coexistido com a busca do herói masculino. Embora a heroína tenha escassos doze rostos dentro do cânon patriarcal, estes devem ser tomados em conta. Como é que,

¹³CAMPBELL. Op. cit. p.116. (Trad. minha.)

¹⁴BEAUVOIR. Op. cit. p.7-23 e 179-242.

¹⁵KRISTEVA, Julia. *Women's time*. Tradução de Alice Jardine e Harry Blake. *Signs*, 7 (1): 13-35, 1981. Toril Moi retoma esta idéia de uma maneira admiravelmente nítida em *Sexual/textual politics. Feminist literary theory*. Londres e New York, Methuen, 1985. p.12.

apesar de negar à mulher uma subjetividade própria, a tradição patriarcal do herói masculino permitiu o surgimento deste punhado de buscadoras? A busca destas heroínas, uma busca que frequentemente se apresenta como a mediação introvertida e imóvel da mulher mística, é descrita por Campbell nos seguintes termos: “ao contrário do herói, que busca dominar o universo, a heroína busca tornar-se o universo dominado”.¹⁶ Ou seja, a busca da heroína configura-se como uma aprendizagem do papel de passividade que a mulher tem que representar na sociedade e nas narrativas patriarcais. Visto que esta busca delinea a construção da feminilidade, sobreposta à figura da mulher, nós a denominamos “busca feminina”.

Tanto na literatura das mulheres do século XX como no cânon patriarcal, a busca feminina constitui-se como uma narrativa secundária que serve aos fins da narrativa dominante do buscador masculino. Ou seja, se a Bela Adornecida sonha enquanto espera seu príncipe e seus sonhos representam uma viagem por dentro de si mesma, tudo bem, contanto que esta “viagem” a prepare para aceitar seu papel feminino na narrativa do príncipe-herói que virá descobri-la. A busca feminina conforma-se como uma subnarrativa que cabe dentro da narrativa dominante da busca do herói masculino.

Portanto, esta busca feminina não problematiza a estrutura da busca patriarcal, mas, de fato, a reforça. Quando a escritora traslada o foco da busca do lado masculino para o lado feminino, a temática do mito muda, mas permanece inalterada a estrutura ideológica da busca patriarcal, segundo a qual a união entre a transcendência do masculino e a imanência do feminino formam a essência do ser.

Às vezes, uma distância irônica entre a narradora e o paradigma insinua uma crítica do mito duplicada, tática exemplificada nos contos “Amor” e “Preciosidade”, de Clarice Lispector.¹⁷ Não obstante, também se encontram na literatura escrita por mulheres instâncias duma busca feminina mais direta. Aqui somos levadas a pensar em *La amatajada*, de Maria Luisa Bombal,¹⁸ e em *Aprendizagem*, de Lispector.¹⁹

Na segunda busca da mulher que vem sendo escrita por mulheres de nosso século, ou seja, a busca da heroína masculina, a protagonista se recusa ao papel feminino para assumir a vestimenta da masculinidade. Como sucede com a heroína feminina, essa heroína masculina também tem antecedentes na tradição patriarcal; talvez a mais famosa seja a figura de Joana d’Arc. Em certas instâncias, sua troca de gênero enfraquece a ideologia patriarcal. Em *To the lighthouse*,²⁰ de Virginia Woolf, por exemplo, o esforço empreendido por Lily Briscoe para assumir o papel supostamente masculino do pintor na busca da imagem feminina de Mrs. Ramsay, sugere a artificialidade das identidades de gênero, levando à sua desestabilização e conseqüente rejeição. Porém, como demonstra o mito de Joana d’Arc, a busca da heroína masculina

não resulta necessariamente em tal conclusão. Na narrativa de Joana, a opção irregular do papel masculino acaba por celebrá-lo, reforçando a idéia de que o papel feminino é inferior.²¹ Ademais, a tentativa da mulher de revestir-se da identidade do gênero considerado superior é castigada pelo fogo que consome a subjetividade que o patriarcado inevitavelmente lhe cobra. Se o ato de colocar a mulher no lugar masculino desemboca num conteúdo excêntrico, os princípios estruturais da busca patriarcal ainda se aderem à busca da heroína masculina. Para conferir esta conclusão na literatura escrita por mulheres deste século, podemos pensar em Vitória, figura secundária do romance *A maçã no escuro*, que viaja entre uma masculinidade supostamente assumida e uma feminilidade supostamente arquetípica, segundo as exigências da busca masculina de Martim.²² Ou na figura de Diana nos contos de Márcia Denser, cuja busca sexual do modo de um Don Juan a leva a uma insatisfação existencial.²³

Enquanto a busca feminina e a busca da heroína masculina se fundam na estrutura binária e patriarcal da busca do herói masculino, problematizando-o unicamente na medida em que a escritora coloca uma distância irônica entre o paradigma duplicado e sua própria voz, a busca feminista se define por sua rejeição explícita das identidades de gênero e por sua conseqüente transformação da estrutura mítica neles baseada. Neste terceiro tipo de busca da mulher, nem o buscador nem o objeto buscado se definem em termos de gênero. Ao contrário, o movimento da protagonista se faz tanto pela rejeição da feminilidade quanto da masculinidade, e pela busca de uma experiência que transponha a ideologia patriarcal configurada por essas identidades. Por isso, é inevitável a transformação estrutural do mito da busca. A busca patriarcal, como vimos, fecha-se numa visão falocêntrica: na realização, ou ao menos na esperança, daquele momento em que o buscador consegue dominar a imanência feminina, domesticando-a para compor com ela o par pleno que compreende em si mesmo “a totalidade”. Mas a busca feminista, tomando como ponto de partida a rejeição das identidades de gênero de que depende este ponto final, se “estrutura” pelo ato de romper com ele e de derramar-se em direção a um futuro indefinido. Em *Perto do coração selvagem*,²⁴ por exemplo, a rejeição completa das identidades de gênero pela buscadora Joana introduz o capítulo “Viagem”, uma visão de busca aberta, de busca em que a finalidade narrativa é substituída pelo processo narrativo, de busca tão mutável e incessante como as ondas de linguagem que lançam o leitor para além do fim do romance. Enquanto a estrutura da busca patriarcal se define pelo fechamento, a busca feminista se define pela abertura.

Esclarecida esta diferença estrutural, voltamos à questão do “mítico”. Segundo a idéia de que o mito se define por sua imutabilidade estrutural, a

²¹Veja a análise de Marina Waener em *Joan of Arc, the image of female heroism*. New York, 1981.

²²LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. Acerca da figura de Vitória, veja ORDÓÑEZ, Elizabeth. A visão simbólica na obra de Clarice Lispector: *A maçã no escuro*. Tradução de Cecília Kemel Zago. *Correio do Povo*, 11 out. 1980.

²³DENSER, Márcia. *Diana, caçadora*. São Paulo, Global, 1986.

²⁴LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro. Ed. Sabiá, 1944.

¹⁶CAMPBELL. Op. cit. p.119-20 (ênfase do autor).

¹⁷LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

¹⁸BOMBAL, Maria Luisa. *La amatajada*. Santo Domingo, Editora Alfa e Omega, 1984.

¹⁹LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

²⁰WOOLF, Virginia. *To the lighthouse*. New York/Londres, Harcourt Brace Jovanovich, 1955.

busca feminista não é um mito mas a violência contra o mítico. Além de violar a estrutura paradigmática da busca do herói masculino, a busca feminista conforma uma narrativa que se recusa a estruturar-se de maneira definitiva. As narrativas que se expandem no espaço para além da ideologia patriarcal não compartilham de qualquer estrutura "arquetípica", mas unicamente da rejeição às estruturas da mitologia patriarcal. Portanto, até a feminista DuPlessis conclui que estas narrativas se distanciam do mítico.²⁵ As estruturas supostamente imutáveis do mito são expostas como transmissoras da ideologia patriarcal, e o feminismo, afinal de contas, se constitui pela desconstrução desta ideologia.

Mas, se esta conclusão parece satisfatória a partir de uma perspectiva estritamente literária, é claramente problemática para a teologia feminista. Dando ênfase à capacidade do mito de orientar o leitor em seu próprio conhecimento do divino,²⁶ a teologia feminista procura descobrir narrativas míticas que possam ajudar a mulher em sua busca de uma experiência não patriarcal do sagrado. E *Perto do coração selvagem*, como várias buscas feministas narradas por mulheres, é um texto que, além de ser antipatriarcal, tem o peso de uma revelação sagrada. Na busca feminista, o espaço de possibilidade que se abre pela transposição do limite da narrativa patriarcal,²⁷ esta visão de um futuro indefinido desperta no leitor sua própria capacidade para a liberdade e a criação. Para a teologia feminista, bem como para a teologia da libertação, esta capacidade para a liberdade e para a criação constitui a essência do sagrado.²⁸ Agora, se o aspecto fundamental do mítico é a sua capacidade de indicar uma experiência do sagrado, e se a busca feminista desperta no leitor uma capacidade sagrada, por que não considerá-la uma narrativa mítica?

A dificuldade que enfrentamos é, em primeiro lugar, um conflito entre duas definições do mítico. Segundo a definição literária do mito como estrutura narrativa que é, ou ao menos finge ser, imutável, a busca feminista não é mítica. Mas segundo a definição do mito que surge da teologia feminista, ou seja, a visão dele como uma narrativa que ajuda a revelar o sagrado, a busca feminista é verdadeiramente mítica.

Este conflito não surpreende, tendo em vista que as definições do mítico são tão múltiplas quanto as que podem ser-lhe atribuídas pelas disciplinas acadêmicas. Na verdade, sua ambigüidade é bastante conveniente, pois, lembrando-nos da contingência do saber, nos convida a elaborar uma definição do mí-

tico adequada à nossa percepção de que a escritora do século XX não só duplica ou destrói as estruturas da mitologia patriarcal como também, às vezes, as transforma.

Segundo escreve Alan Dundes na introdução à sua compilação interdisciplinar de teorias sobre o mito, a maioria das múltiplas definições do mítico tem em comum a idéia de que o mito é uma narrativa sagrada.²⁹ Na base desta observação, podemos encarar a diferença estrutural entre a busca patriarcal e a busca feminista não como a diferença entre o mítico e o antimítico, mas como o reflexo de um conflito entre duas versões do sagrado. Quando Deus era patriarcal, construído à imagem e para o privilégio do homem, o mito era logocêntrico, ou seja, uniestructural. A transmissão de uma imagem seletiva do sagrado dependia de uma estrutura fechada e final, uma estrutura que não admitia outros rostos de Deus. Porém, no contexto do feminismo, o sagrado é visto como o ato de abrir, de desconstruir, de ir além, de olhar no rosto ainda não marcado do futuro. Portanto, a estrutura do mito feminista que se encarrega de expressar este conceito do sagrado será uma que, por romper-se, por abrir-se, por recusar-se a qualquer ponto final, sugere ao leitor a tela branca da possibilidade.

Embora o patriarcado queira reificar o conceito do mítico para seus próprios fins, a verdade é que cada versão do sagrado tem sua própria configuração do mítico. Com o apoio de seu mito estruturalmente inflexível, o patriarcado conseguiu justificar e manter sua visão binária e sexista da totalidade. O mito feminista nunca se assentará sobre a base da definição do mítico que tem servido ao patriarcado, mas unicamente sobre sua própria visão transformadora da essência da vida humana. No contexto do feminismo, a narrativa mítica já se define como aquela que, através de sua estrutura transgressiva, dinâmica e inconclusiva desperta no leitor a capacidade sagrada para a liberdade e para a criação.³⁰

²⁵DUPLESSIS. Op. cit.

²⁶CHRIST. Op. cit. De fato, Christ tende a evitar a palavra "mito", substituindo-a pela frase "estória espiritual". Mas suas referências críticas e literárias, como também sua preocupação com a busca, justificam nossa conclusão de que sua idéia de "estória espiritual" represente uma visão alternativa do mito.

²⁷Segundo DuPlessis (op. cit.), a escritora feminista "writes beyond the ending" da narrativa patriarcal.

²⁸Consolidando as noções do sagrado que se encontram na teologia da libertação e na teologia feminista, Sharon Welsch define o sagrado como a capacidade humana para a libertação (*Communities of resistance and solidarity, a feminist theology of liberation*. New York, Maryknoll, 1985). Nossa idéia do sagrado como a capacidade de libertação e de criação pressupõe que a segunda é implicada na primeira, e vice-versa.

²⁹DUNDES, Alan. *Sacred narratives. Readings in the theory of myth*. Berkeley, 1984. p. 1.

³⁰Esta formulação representa uma síntese da definição do mito que surge da teologia feminista, com aquelas desenvolvidas por Dundes (Ibid.) e pelo marxista GARAUDY, Roger. *Marxism in the twentieth century*. Tradução de R. Hague. New York, 1970.